

O REGIME DA UTOPIA EM O EXÉRCITO DE UM HOMEM SÓ

Jean Pierre Chauvin*

Resumo: Publicado em 1973, *O exército de um homem só*, de Moacyr Scliar, liga-se formalmente à crônica e à fábula. Aproveitando o contexto da ditadura militar, o romance reconstitui a trajetória de Mayer Guinzburg e seu plano para implementar as teorias marxistas no Brasil, com vistas à igualdade social. Em sua luta solitária, cria um universo paralelo em que acredita contar com o apoio de homenzinhos imaginários e animais que acompanham o capitão sem soldados até o fim.

Palavras-chave: Moacyr Scliar; *O exército de um homem só*; utopia.

Há tantas outras nações sempre ocupadas em legislar sem serem por isso melhor governadas (MORUS, 1997, p. 61).

■ **N**ascido em 1937, o médico Moacyr Scliar estreou na ficção em 1968, durante a ditadura militar: pano de fundo sob medida para *O exército de um homem só* (de 1973), tendo a cidade de Porto Alegre como cenário. O romance conta a trajetória de Mayer Guinzburg, filho de judeus vindos para o Brasil no início do século XX, um ano antes da Revolução Russa.

O romance filia-se a um gênero híbrido, pois combina em forma e conteúdo a crônica e a fábula. Aproxima-se da crônica especialmente nas cenas que envolvem o cotidiano do herói porto-alegrense: o ambiente doméstico, as ruas do bairro Bom Fim e a loja. Em lugar de palavras, são as datas que nomeiam os ca-

* Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Colégio da Polícia Militar (Unidade Centro), do Centro Integrado e Promoção Social (CIPS) e de Cursos de Difusão Cultural (Legulus).

pítulos. Dado que confirma a relevância do dado histórico, crônico, na constituição do romance.

O fato de a história transcorrer na cidade natal do próprio Scliar aponta também o traço pessoal da narrativa. Não é demasiado lembrar que, assim como Mayer, Moacyr é filho de judeus originários da Rússia.

Se, por um lado, o livro se estrutura numa seqüência de crônicas com alguns temas relacionados à biografia do romancista, por outro, em muitos momentos o texto se liga à fábula. Revela-o a trajetória de um jovem com a faculdade de conversar com homenzinhos imaginários, animais e objetos. Patologia de um visionário, sem identidade e sem lugar, com a cabeça na Rússia e os pés mal fincados em solo brasileiro?

O enredo de *O exército de um homem só* é relativamente simples. A família Guinzburg chega ao Brasil, em 1916, quando Mayer contava dez anos de idade. O protagonista é descrito pelo irmão Avram como um menino pensativo, tipicamente idealista: prenúncio do homem que seria:

Mayer não falava com a gente. Ficava sentado na popa, silencioso, olhando o mar. Pensava na Rússia. Imaginava que em outubro de 1917 haveria lá uma revolução destinada a libertar os pobres e oprimidos. Imaginava que escreveriam sobre ele, num jornal chamado "Pravda": "A partida de Mayer Guinzburg foi uma grande perda para a Rússia; tínhamos um lugar importante reservado para ele. Mas não importa; sabemos que Mayer Guinzburg lutará sempre, ainda que sozinho. Viva Mayer Guinzburg! Viva Birobidjan! Viva Nova Birobidjan!" (SCLIAR, 1997, p. 13).

Inconformado com a religião ou a leitura da *Torá*, desde cedo trava confrontos ideológicos com o pai (rabino que não deu certo) e domésticos com a mãe (obrigada a se preocupar constantemente com suas recusas a comer). Nos conflitos com o pai, cita Marx e Engels:

– Quem é este Marx? – perguntava nosso pai, espantado. – E o que ele sabe da felicidade dos homens?

– Sabe tudo! Sabe que não deve haver fome, nem injustiça. Não deve haver "meu" nem "teu"; deve ser: "O que é meu é teu; o que é teu é meu".

Nosso pai abanava tristemente a cabeça.

– Na Mishná está escrito que há quatro tipos de homens: o vulgar diz: "O que é meu é meu; e o que é teu é teu"; o perverso diz: "O que é meu é meu; e o que é teu também é meu". Quanto a mim, prefiro as palavras do homem santo, que diz: "O que é meu é teu; e o que é teu é teu". Mas tu, meu filho, dizes: "O que é meu é teu; e o que é teu é meu". E isto, segundo a Mishná, são as palavras do excêntrico, do estranho entre os homens. Acho que vais sofrer muito, filho (SCLIAR, 1997, p. 19-20).

Mayer alega a necessidade de ingerir carne de porco e rejeita a comida preparada pela mãe. Rebeldia sem causa ou intenção de deglutir outro tabu da religião judaica? Afinal, por que resistir à leitura dos preceitos judaicos?

O jovem busca uma coerência que parece não estar em sua origem ou tradição: "Mayer Guinzburg tem idéias. Formarão uma colônia coletiva, Léia, José Goldman e ele. Ficará longe de Porto Alegre; não muito longe, é claro, pois de lá terá de vir, um dia, a Grande Marcha" (SCLIAR, 1997, p. 10).

O futuro Capitão, que só os homenzinhos imaginários levam a sério, refuta a tradição, a família e a propriedade: valores sabidamente burgueses. Não será altamente simbólico o fato de Mayer Guinzburg não comer? Talvez não lhe seja possível engolir, com tanto a regurgitar.

FANTASIA É REALIDADE

É na pele de Capitão que Mayer Guinzburg demonstra sua coerência sem par. Onde já se viu um líder protestar sinceramente contra as diferenças de tratamento?

– Está na mão, Capitão! – gritou a garçonete, escaldando a xícara.

Mayer Guinzburg empalideceu. Rodeando o balcão, agarrou a mulher pelo avental.

– Nunca mais me chama de Capitão, está bom? Não sou Capitão. Sou uma pessoa igual a ti (SCLIAR, 1997, p. 7).

Dono de alguns aforismos, o Capitão demonstra toda sua verve no trato com os homens: “Há muitas guerras, Companheiros Choferes. Algumas a gente luta sozinho” (SCLIAR, 1997, p. 50). Palavras sábias que também justificariam o fato de Mayer ser e agir solitariamente.

Em certo sentido, aplica-se a esse romance de feição paradoxal o que Erich Auerbach (1998, p. 303) afirmou sobre o cavaleiro andante de Cervantes: muitos episódios “representam o embate entre a ilusão de Dom Quixote com uma realidade cotidiana e oposta à ilusão”.

Implementa-se a fantasia. Quando o adolescente Mayer funda na propriedade rural de seu amigo francês, Marc Friedmann, uma espécie de QG em companhia de sua namorada Léia e o amigo José Goldmann, sua primeira providência é hastear a bandeira com as iniciais NB.

Terminada a celebração, em cerimônia solene pela conquista da casa (encontrada abandonada), o jovem cria os Comitês que ficarão sob a responsabilidade dos membros e lança seu programa para a “construção de uma nova sociedade”. Bordão que repetirá até a morte, que acontece, aliás, na sugestiva data de 1970.

Como seria o modelo societário proposto na Nova Birobidjan? Essencialmente, não militar, e organizado em torno de outras linhas de pensamento. A ficção de Moacyr Scliar não é gratuita ou despregada de nosso contexto histórico. O romance integra um movimento de resistência à ideologia dos anos 70, como sugere Alfredo Bosi (2001, p. 436):

O melhor da literatura feita nos anos de regime militar bateria, portanto, a rota da contra-ideologia, que arma o indivíduo em face do Estado autoritário e da mídia mentirosa. Ou, em outra direção, dissipa as ilusões da onisciência e onipotência do eu burguês, pondo a nu os seus limites e opondo-lhe a realidade da diferença.

O problema é que Mayer sente a necessidade de uma revolução no país, mas sua conduta permite classificá-lo como louco. Lucidez ou demência, perante a realidade nacional? Segundo Manuel da Costa Pinto (2004, p. 108): “as narrativas de Scliar produzem um estranhamento que continua reverberando, como

se fosse uma revolução em surdina, pequeno sobressalto que transforma irreversivelmente o ritmo monótono da vida”.

O fato é que esse homem, com ou sem a companhia dos camaradas, prossegue de acordo com o seu muito particular *script*: discursiva e divulga seus feitos a ninguém. Mayer expõe algumas idéias a homenzinhos imaginários (cujo número se reduz à medida que envelhece), animais (o companheiro-porco, a companheira-cabra e a companheira-galinha), e seres inanimados: “Bom dia, companheiro-café!”.

Idealista que é, metade de sua força está na postura de revolucionário brasileiro com certidão européia. Em sua empreitada solitária, busca um mundo igualitário, cuja matriz estaria nas propriedades rurais afastadas da capital Porto Alegre. Ora, o fato de o ambiente rural distar da cidade parece simbolizar duas coisas: 1. a “nova sociedade alternativa” só é compatível com um não-lugar, uma não-cidade; 2. afastar-se da urbe revela a condição não convencional do Capitão sem exército.

Investido no cargo de capitão, Mayer Guinzburg guarda, ao menos, um comportamento tipicamente militar: a retórica do êxito e da infalibilidade. Certas palavras de Dom Quixote bem que poderiam ser suas: “se não me queixo com a dor, é porque aos cavaleiros andantes não é dado lastimarem-se de feridas, ainda que por elas lhes saiam as tripas” (SAAVEDRA, 1981, p. 56).

Incorporando à sua patente militar fictícia o nome da sociedade que tencionava fundar desde criança, Mayer e a Nova Birobidjan são uma coisa só: o louco e a terra da fantasia; o exército sem soldados e o quartel sem defesa.

Assim como Quixote interpreta tenazmente o papel de cavaleiro andante, mostrando à sua maneira como defender excentricamente os ideais da cavalaria, o Capitão assume o comando e o trabalho braçal, como se buscasse exemplificar, numa prática original e à margem, a “construção de uma nova sociedade”.

REALIDADE É FANTASIA

Adulto, Mayer Guinzburg passa a trabalhar no armazém do velho Leib Kirschblum. Certo dia, enfadado da monótona vida de vendedor sem futuro, recebe a visita de sua namorada Léia, abalada pela perda do pai.

Em uma reviravolta narrativa, ambos deixam a casa dos pais e se casam. Logo enfrentarão sérias dificuldades para criar os dois filhos. Fuga da realidade? Mayer abandona a família que acabara de constituir (coerente com a sua versão do programa comunista) e retorna ao Beco do Salso para reinaugar a Nova Birobidjan:

Vê-se o rosto do Capitão Birobidjan iluminado pelo sol. Trata-se de um homem de cerca de trinta e cinco anos, e olhos claros e nariz tipicamente judaico. É antes magro. A barba desponta; crescerá como a de Marx, a de Freud (SCLIAR, 1997, p. 53).

Nesse ponto, seria oportuno averiguar o papel do narrador, já que suas palavras parecem reforçar o caráter utópico do protagonista. É como se a narrativa se contagiasse com os pensamentos e atos do Capitão – o que explicaria a referência a dois vultos de orientações ideológicas e tempos históricos diferentes: o pai do comunismo e o pai da psicanálise.

Possivelmente não se trate de mero exemplo de homens sábios e barbados. De algum modo, a figura de Mayer Guinzburg os aproxima, ainda que pelo as-

pecto exterior. Síntese do narrador em homenagem à origem russo-judaica do herói marxista que virou caso clínico, digno das interpretações de Freud.

De volta ao enredo. Em Nova Birobidjan, sempre acompanhado pelos homenzeiros que ora o aplaudem, ora o escutam em silêncio, reúne o porco, a cabra e a galinha e decide registrar e divulgar seus feitos:

O Capitão dedicava as noites à preparação de 'A voz da Nova Birobidjan'. Este jornal, manuscrito, tinha uma tiragem de um único exemplar. O Capitão o lia para os Companheiros no domingo à noite, afixando-o após no mural do Palácio da Cultura (SCLIAR, 1997, p. 57).

Envolvido com a nada pudica Santinha, a quem denomina Rosa Luxemburgo (elogiosa alusão à ativista Rosa Luxemburg), enfrenta os vizinhos que destroem sua horta e casa, levando ao sacrifício os companheiros-animais. A realidade bruta vence a utopia igualitária. Os vizinhos divertem-se ao queimar a barraca onde o Capitão, cabeça sem membros a comandar, até então passava as noites.

NO CAMPO INIMIGO

Perdida a batalha e perdoado por Léia, o Capitão abandona o QG e regressa ao bairro Bom Fim. Assume o papel de marido e empresário, inaugurando com o antigo proprietário da loja um mercado de materiais de construção. De volta à civilização, tal investida no mundo dos negócios coloca Mayer e família em condição oposta aos apertos financeiros de outrora.

Agora, o antigo Capitão da imaginária Nova Birobidjan transforma-se em líder capitalista da capital. Mayer Guinzburg é uma nova figura, mas tão caricata como dantes: grande proprietário bem-sucedido com direito a amante (Geórgia, filha do amigo José Goldman), negociatas escusas e um batalhão de empregados. “Durante a cerimônia, o Coral dos Funcionários entoava o Hino de Mayrkir: ‘Mayrkir, Mayrkir/Contigo haveremos de subir!’” (SCLIAR, 1997, p. 97).

A propriedade que servira de QG particular para o revolucionário sem patrão transforma-se em clube para seus funcionários. Mas eis que *Maykir*, o império de Mayer Guinzburg e Leib Kirschblum, vai à falência e simultaneamente acaba o seu casamento com Léia:

Sua renda diminuía mês a mês. Os filhos reclamavam. Jorge queria uma bicicleta, como seus amigos.
– Compra livros – respondia Mayer Guinzburg – Do Jorge Amado, por exemplo.
– Livros, livros! Tu só falas em livros! Por que eu quero livros? Para ficar abobado como tu e fugir para o mato? (SCLIAR, 1997, p. 93).

O padrão de vida cai drasticamente. Separado e vivendo de aluguel num modesto apartamento, é seu filho Jorge que o ajuda com as despesas e o convence a se mudar para a pensão de Dona Sofia, a nova proprietária da casa que pertencera aos familiares de Marc Friedmann. Nova reviravolta romanesca: de QG antiburguês a clube capitalista; de ostentoso clube à pensão de módicos preços.

Herói de sua pseudo-revolução, anti-herói da ordem pública, o idealismo só poderia partir de um homem talvez enlouquecido pela consciência de sua posição ambígua. De qualquer forma, o germe da revolução continua também em outros homens.

Certo dia, os hóspedes da pensão revoltam-se ante as más condições impostas por Sofia. Amarram-na, mudam os hábitos da casa. Concluído o bem-sucedido levante doméstico, separam-se. Cada um retorna à sua família, com exceção de Mayer, líder de homenzinhos imaginários.

QUESTÕES DE CLASSE

Episódio dos mais relevantes, o primeiro emprego de Mayer Guinzburg é marcado pela relação que julga estabelecer com os animais da loja. Sob a óptica de vendedor, atribui certas responsabilidades ao proprietário burguês:

“Aquele velho sujo: capitalista explorador.” Os homenzinhos aprovavam com a cabeça. “Se pudesse, sugava o sangue dos trabalhadores!” Os homenzinhos aplaudiam. “É preciso lutar!” Aplausos, aplausos. Entrava uma freguesa; os homenzinhos sumiam. Mayer vendia, de má vontade, um pedaço de elástico (SCLIAR, 1997, p. 37).

Seu discurso parodia as frases prontas de feição revolucionária. Daí o apelo a adjetivos que denotam um espírito revoltado com suas condições de trabalho:

Aos poucos foi descobrindo outros habitantes na loja; atrás de uma peça de cretone morava uma aranha de corpo pequeno e patas longas e delicadas, que se movia com desenvoltura sobre a prateleira; no rodapé havia um pequeno buraco por onde assomava às vezes uma cabecinha de camundongo; e, finalmente, dentro de uma caixa vazia Mayer encontrou certo inseto cujo nome não sabia; era maior que uma formiga e menor que uma barata, de cor indefinida (SCLIAR, 1997, p. 37).

A existência de “outros habitantes” – o que nos remete à fábula contida em *Animal farm*, de George Orwell – na loja pode nos levar a uma compreensão mais coesa do romance de Scliar. É sugestivo que o encontro com a aranha, o camundongo e o inseto se dê imediatamente após a ovação que o Capitão recebera dos homenzinhos, quando discursara contra os procedimentos de seu empregador.

Em certo sentido, as coisas que fogem ao dado humano parecem caber sob medida na mente de Mayer. Tanto os homenzinhos que ele vê se manifestar ante seus discursos inflamados quanto os animais aos quais dirige monólogos sob a forma de diálogos. Nesse livro que se serve da fábula, os animais podem representar as nossas classes sociais.

Protegida pelo resistente tecido de cretone, a delgada aranha de longas patas vive nas alturas (prateleiras) e se ligaria à nobreza: hábil em tramar a teia em que sutilmente manipula os insetos, claro que de longe, enredados sob a égide do favor.

No rodapé social estaria o camundongo, aproximado metaforicamente dos homens miseráveis: roedor que fica com as sobras dos mais favorecidos colocados nos níveis acima e que só se nota quando interfere em nosso estreito campo de visão.

A alegoria se problematiza. Mayer sente dificuldade em se relacionar com o inseto. Suas características externas reproduzem certa ambigüidade interior, que “poderá no futuro se expressar sob a forma de desvios ideológicos” (SCLIAR, 1997, p. 38-39).

Quem será o inseto que Mayer não logra definir, abrigado na pequena caixa? Possivelmente, o autêntico representante da classe média, historicamente caracterizada pela tibieza ideológica e inconstância comportamental. Modos incompatíveis, portanto, com a convicção do líder revolucionário em formação.

Representaria a caixa em que está o inseto, o mundo fechado da pequena burguesia, resistindo ao discurso envolvente da aranha, que suga até a morte? Ou o seu alheamento frente às condições de vida dos miseráveis que passam a vida como seres ignorados, a correr pelos cantos em luta pela sobrevivência?

Nada se coaduna melhor, na trajetória do louco, que o enfrentamento de situações-limite, expressas paradoxalmente no romance. Talvez por essa razão, para Mayer Guinzburg, ser Capitão não envolva carreirismo ou gosto de mando. Significa que ele se julga cabeça e executor da revolução que prega.

Aos três exemplares com que depara na loja parece corresponder outro grupo novamente constituído de três animais: o companheiro-porco (carne), a companheira-cabra (leite) e a companheira-galinha (ovos). A diferença é que esses não estão na cidade, mas na Nova Birobidjan. Não só assistem aos discursos do Capitão, como são empregados como força produtiva do sistema implementado.

Como se sabe, a tarefa de Mayer Guinzburg é solitária e sem efeito. Não por acaso, o casamento com Léia e a profissão de empresário se localizam fora do mundo utópico do Capitão. Trata-se do exercício exclusivo e de um homem só.

COMICIDADE E TRAGÉDIA

A esse homem, a patente militar não disfarça ou encobre. É principalmente uma fantasia de feição hierárquica que reveste os princípios de um visionário dividido entre a origem pequeno-burguesa e o idealismo de esquerda, em busca de uma sociedade mais coerente e igualitária.

O que diferencia o universo paralelo, digamos, de Mayer Guinzburg dos homens acomodados da cidade é a coerência de seu discurso. Campo ou cidade, utopia ou realidade, o grande mérito a ressaltar o Capitão, dentre os demais, é ser homem de palavra e atitude, contrariando a retórica vazia e ufanista que não se restringe ao Brasil de seu tempo. Aqui, a ficção protagonizada por um louco relativiza a realidade dos filhos deste solo: mãe pouco gentil e sem identidade.

Mayer Guinzburg é figura trágica de traços cômicos, a que se aplica o “procedimento da inversão”, de que fala Henri Bergson (2004) em *O riso*. De fato, embora se trate de uma figura patética, é notadamente cômico existir um anti-capitalista, automeado Capitão, que proteste veementemente contra nosso regime ditatorial:

a arte do poeta cômico consiste em [...] introduzir-nos, a nós, espectadores, a tal ponto em sua intimidade, que acabamos por obter dele alguns fios da marionete que ele movimenta; é então nossa vez de movimentá-la; uma parte de nosso prazer vem daí (BERGSON, 2004, p. 12).

Como não nos tocarmos ou nos identificarmos, ainda que parcialmente, com os sonhos e atos desse Capitão Birobidjan? O fato é que essa personagem se faz de pequenos gestos e grandes atos. A comicidade residiria no primeiro caso; a tragicidade, no segundo. Quem pode com a lucidez de um louco?

Ironia máxima de Moacyr Scliar, não interessa ao revolucionário com patente militar zelar pela ordem instituída, mas incrementar seus propósitos na con-

tramarcha, sempre à frente da revolução que ele mesmo idealiza, executa e divulga.

O fato de ser um homem de orientação firme e papel trocado extrapola o universo ficcional. Desse ponto de vista, uma outra ironia do livro se refere aos homens confortavelmente mascarados com a indumentária que confere autoridade e falsas convicções: refêns da ideologia encampada por sua corporação.

As manobras disparatadas de Mayer Guinzburg explicam o título ambíguo do romance. Não se trata apenas do exército de um só homem (o que também corresponderia ao enredo), mas, especialmente, da trajetória de um homem solitário.

Na comparação com Dom Quixote, nosso bem-intencionado Mayer aparece em desvantagem: falta-lhe o escudeiro (se não de suas idéias utópicas, dos atos de autêntica bravura). Nesse caso, ser Capitão implica perder a cabeça, mas não a sua quota de razão, tão particular e legítima, mas sem testemunhas, que não os leitores de Moacyr Scliar.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. A Dulcinéia encantada. In: _____. *Mimesis*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MORUS, Tomás. *A utopia*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- PINTO, Manuel da Costa. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Plubifolha, 2004.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CHAUVIN, Jean Pierre. Regimen of the utopia in *O exército de um homem só*. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 9, n. 1, p. 119-126, 2007.

Abstract: Released in 1973, *O exército de um homem só*, by Moacyr Scliar, it's close to the chronicles and the fables. Using the military's government context, this novel remembers Mayer Guinzburg's steps and his intents to implement marxism in Brazil, regardind an equalitative society. In his solitary battle, Mayer creates an unreal universe where he lives with the support from imaginary little men and animals which follows the captain without soldiers until the end.

Keywords: Moacyr Scliar; *O exército de um homem só*; utopia.